



# **FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

## **ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1º ciclo do 4º bimestre da 1ª série

Eixo bimestral: **REPORTAGEM**

### **Gerência de Produção**

Luiz Barboza

### **Coordenação Acadêmica**

Gerson Rodrigues

### **Coordenação de Equipe**

Andréia Castro

### **Conteudistas**

Gisele Heffner

Maria de Fátima Costa

**Edição On-Line Revista e Atualizada**

**Rio de Janeiro**

**2013**



## COMO ENSINAR?

O gênero textual abordado, neste ciclo será a reportagem. Para que os alunos possam reconhecer as características estruturais e linguísticas, a finalidade e meios de circulação desse tipo de texto, seguem três sequências didáticas. Dessa forma, espera-se conferir mais clareza e dinamismo à seção.

### Sequência didática 1: Apresentação do gênero “reportagem”

Nesta primeira etapa, será trabalhado o descritor de *Leitura* relacionado aos aspectos estruturais, aos objetivos e aos meios de circulação do gênero “reportagem”. Esta sequência se estrutura em dois passos.

#### **Eixo Leitura:**

- *Reconhecer características estruturais de uma reportagem: manchete, lead, corpo do texto.*

### **PASSO 1: APRESENTAR O GÊNERO TEXTUAL E OS SEUS DIFERENTES SUPORTES DE VEICULAÇÃO**

Para que o aluno possa entender o que é uma reportagem, o professor pode levar para a sala de aula alguns exemplares de jornais diversos bem como alguns exemplares de revistas e mostrar em que seções geralmente as reportagens aparecem. A partir daí, poderá selecionar uma reportagem, de preferência com infográfico, para explorar as características do gênero. Informará também que, atualmente, além do suporte físico, as reportagens podem ser lidas em suporte virtual, conforme os esquemas a seguir:

#### ➤ **O QUE É REPORTAGEM?**

A reportagem é um gênero jornalístico. Caracteriza-se por apresentar informações sobre temas específicos e por se referir a situações e a acontecimentos a partir do testemunho e da observação direta dos fatos.

Três modelos de reportagem são considerados como fundamentais na área jornalística: *reportagem de fatos*, *reportagem de ação*, *reportagem documental*.

- A reportagem de fatos apresenta um relato objetivo dos acontecimentos e, nela, semelhante à notícia, os fatos são narrados numa ordem sucessiva de informações relevantes.
- A reportagem de ação apresenta as informações mais relevantes (lide) e depois narra os acontecimentos sequenciadamente, apontando a um clímax.
- A reportagem documental é um relato expositivo com a apresentação de um tema polêmico ou atual de maneira objetiva, acompanhado de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado.

➤ **QUAL A DIFERENÇA ENTRE A NOTÍCIA E A REPORTAGEM?**

O gênero “reportagem” é uma extensão da notícia, pois busca recuperar as informações apresentadas no dia-a-dia e aprofundá-las; além de informar pontualmente sobre um fato, observa as suas raízes e o desenrolar dele.

É importante, então, mostrar aos alunos a finalidade de cada gênero jornalístico compondo, por exemplo, um quadro comparativo como este:

NOTÍCIA	REPORTAGEM
Enunciação de um fato	Exposição sobre um assunto
Direta	Analítica (analisa diversos pontos acerca de um assunto)
Tem por objetivo informar	Tem por objetivo informar e promover reflexão
Prende-se à factualidade	Aberta a expressões de opinião
Aponta razões e efeitos	Levanta questões, discute, argumenta

A *notícia* informa fatos de maneira mais objetiva e aponta as razões e efeitos. A *reportagem* aprofunda-se: faz investigações, tece comentários, levanta questões, discute, argumenta.

➤ **QUAL A ESTRUTURA DE UMA REPORTAGEM?**

A reportagem escrita é dividida em três partes: manchete, *lead* e corpo do texto.

**Manchete:** compreende o título da reportagem que tem como objetivo resumir o que será dito. Além disso, deve despertar o interesse do leitor.

**Lead:** pequeno resumo que aparece depois do título, a fim de chamar mais ainda a atenção do leitor.

**Corpo:** desenvolvimento do assunto abordado com linguagem direcionada ao público-alvo.

➤ **O QUE SÃO INFOGRÁFICOS?**

O termo infográfico vem do inglês *informational graphics* e o seu uso revolucionou o *layout* das páginas de jornais, revistas e *sites*. Os infográficos são quadros informativos que misturam texto e ilustração para transmitir uma informação visualmente. Em muitas reportagens, aparecem como informação complementar para explicar, com maior clareza, algum aspecto tratado no texto, destacando, pelo forte apelo visual, os detalhes mais relevantes do texto.

➤ **EM QUE DOMÍNIO DISCURSIVO E SUPORTES SE SITUA A REPORTAGEM? E QUAL SUA TIPOLOGIA?**

A reportagem se insere no *domínio jornalístico*, cuja finalidade é a transmissão de informação sobre determinado assunto. Devido a isso, a reportagem é um gênero predominantemente *expositivo*, que circula em diferentes *suportes físicos* (como jornais e revistas impressos) e *virtuais* (televisão, rádio, internet). Essa relação pode ser evidenciada em um quadro, com o que se segue:

**Domínio discursivo: JORNALÍSTICO**

**Suporte físico: JORNAIS, REVISTAS, RÁDIO E TELEVISÃO**



**Gênero textual: REPORTAGEM**

**Sequência tipológica predominante: EXPOSIÇÃO**

**PASSO2: VISUALIZAR AS CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DA REPORTAGEM**

Após o contato com a leitura de algumas reportagens, o professor seleciona uma reportagem para que a estrutura da mesma seja identificada. Em seguida, pede para que o aluno marque no texto com caneta colorida cada elemento estruturador da reportagem: manchete, olho da notícia, lide, infográficos, corpo do texto, assinatura etc.

**OPERÁRIO SOBREVIVE APÓS TER CÉREBRO ATRAVESSADO  
 POR UM VERGALHÃO DE 2M DE COMPRIMENTO**

**MANCHETE**

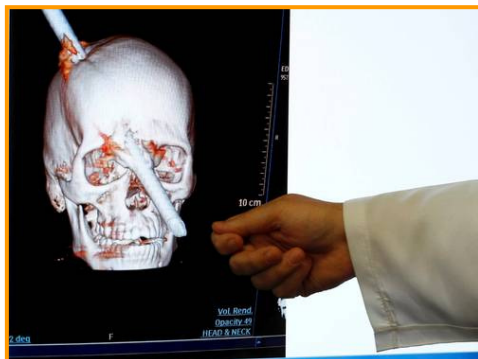
**Ele, que trabalhava em uma obra em Botafogo, foi operado por  
 cinco horas e não apresenta sequelas**

**LEAD**

Maria Elisa Alves

Publicado em 16/08/2012 – Jornal O GLOBO<sup>1</sup>

← ASSINATURA



← INFOGRÁFICO

**O QUÊ?** - o(s) fato(s) que determina(n) a história;

**QUEM?** - a personagem ou personagens;

**COMO?** - o enredo, o modo como se tecem os fatos;

**ONDE?** - o lugar ou lugares da ocorrência

**QUANDO?** - o momento ou momentos em que se passam os fatos;

**POR QUÊ?** - a causa do acontecimento.

Obs.: nem sempre o porquê aparece no lead.

RIO - **Um operário da construção civil**, de 24 anos, **foi atingido na cabeça por um vergalhão** que **despencou do quinto andar do prédio** em que ele trabalhava, **uma obra em Botafogo**, e sobreviveu. O pedaço de ferro, de dois metros de comprimento, atravessou, **na manhã de quarta-feira**, o capacete de Eduardo Leite, perfurou o cérebro e saiu pela região entre os olhos, acima do nariz. O impacto foi de 300 quilos. Os bombeiros cortaram uma parte do vergalhão no local do acidente e levaram (...)

← CORPO DO TEXTO

<sup>1</sup> Fragmento da reportagem do Jornal O GLOBO, Seção Rio de 16/08/2012, p. 21, contendo somente o lead.

## Sequência didática 2: Oralidade e escrita

Nesta sequência, serão articulados dois descritores de *Leitura* para que se desenvolvam algumas estratégias direcionadas ao estudo do gênero tanto na modalidade oral como na escrita, analisando as particularidades de cada um desses contextos.

### **Eixo Leitura:**

- *Reconhecer a distinção entre escrita e oralidade.*
- *Diferenciar retextualização e transcrição.*

A fala e a escrita constituem duas possibilidades de uso da língua, como o de determinados conteúdos, conforme foi visto com o jornalístico que pode ser transmitido oralmente (tv e rádio) ou graficamente (jornais e revistas).

Mas, falar e escrever são formas diferentes de dizer e expressar significados construídos na linguagem e pela linguagem, dentro de uma situação interativa social<sup>2</sup>. A escrita não pode ser tida como representação da fala. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Ela apresenta, ainda, elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e o tipo de letras, cores e formatos, sinais de pontuação e elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia, graficamente representados.

É necessário, então, permitir ao aluno alcançar uma melhor compreensão de como se dá a produção de textos falados e escritos, bem como de que, dependendo do gênero textual, há diferenças maiores e menores entre fala e escrita. Além disso, usar bem a língua não necessariamente significa falar e escrever sempre de modo correto, mas adequar à circunstância. Assim, os indivíduos devem dispor da língua de acordo com a situação

---

<sup>2</sup> KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto, 2007, p. 77.





Os alunos, em relação ao bate-papo esportivo, devem relacionar: a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, gírias, palavras de baixo calão, entre outros. Já em relação ao noticiário de TV, devem relacionar que, apesar de ser um texto falado, se aproxima de uma escrita formal, embora também tenha prosódia e gestualidade.

O que os diferencia é o objetivo comunicativo, um mais informal, descontraído e o outro mais formal cujo objetivo é informar objetivamente sobre determinado assunto. Com essa estratégia, o aluno entenderá que os textos podem apresentar-se de várias formas, ou seja, sendo apenas do polo da fala, ora sendo do polo da escrita.

Você pode ainda montar um quadro com seus alunos, elegendo vários gêneros textuais e solicitando que eles que marquem a distinção entre os gêneros orais e escritos, levando em consideração o suporte envolvido, conforme o quadro abaixo:

Gêneros textuais	Suporte de produção		Concepção discursiva	
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita
Conversação espontânea	X		X	
Artigo científico		X		X
Notícia de TV	X			X
Entrevista publicada na <b>Veja</b>		X	X	

## PASSO 2 – APRESENTAR O CONCEITO DE TRANSCRIÇÃO: DA FALA PARA O PAPEL

A **transcrição** representa uma passagem, uma transcodificação (do sonoro para o grafemático). Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. Na transcodificação (anotação) da produção oral original (**texto-base**), evitam-se, durante os registros da fala, a pontuação e qualquer tipo de eliminação do que tenha sido dito, trazendo as indicações de situacionalidade e de qualidade da produção. Esses registros podem servir para fins de

estudos linguísticos, pois neles há indicações como pronúncia, tom da voz, sorriso e movimentos de corpo.

Você pode selecionar um trecho de uma entrevista gravada, somente áudio, e apresentar aos alunos, pedindo que eles ouçam atentamente até o fim. Em seguida, você pode fazer pequenas pausas e solicitar que eles anotem em seus cadernos o que conseguirem entender.

Durante a anotação, você pode orientar para que eles observem as pausas, as interjeições, risadas, ou seja, toda e qualquer emissão comunicativa dada durante a entrevista é importante. É importante que a sua turma seja orientada a manter a fidelidade durante a transcrição.

Nas operações textuais-discursivas para a passagem do **texto oral para o escrito**, demonstra-se a passagem do **texto-base**, aquele sofreu a **transcrição**, para o **texto-alvo**, aquele que sofrerá modificações, **retextualização**, segundo alguns critérios, conforme a seguir.

### **PASSO3 – APRESENTAR O CONCEITO DE RETEXTUALIZAÇÃO: DA FALA PARA A ESCRITA**

À passagem do texto falado para o texto escrito denomina-se **retextualização**. A **retextualização** é um segundo momento, pós-transcrição, baseado em operações mais complexas visto que se realizam uma série de mudanças explícitas no **texto-base**, como por exemplo, a inserção da pontuação para simular a entoação.

Nessa operação da passagem do texto oral para o escrito, tem-se a passagem do **texto-base** para o **texto-alvo**. Marcuschi (2001) destaca algumas operações de produção do texto escrito a partir do texto falado, a saber:

- Eliminação de marcas estritamente interacionais e inclusão da pontuação;
- Apagamento de repetições, de redundância e de autocorrecções e introdução de substituições;

- Substituição de turnos por parágrafos;
- Diferenciação no encadeamento sintático dos tópicos;
- Tratamento estilístico com seleção do léxico e da estrutura sintática, num percurso do **menos** para o **mais formal**.

#### **A - Texto-base: Narrativa Oral**

Neste passo você poderá pedir aos seus alunos que recontem, oralmente, a mesma história ouvida anteriormente. Neste momento, você deverá solicitar à turma um voluntário para a realização da tarefa. Durante a narração do aluno, você poderá gravar o áudio.

#### **B - Texto-alvo: Narrativa Escrita**

Em seguida, os alunos deverão ouvir a narrativa gravada e iniciar o processo de transcrição. Depois da transcrição, eles iniciam o processo de retextualização, isto é, eles deverão eliminar a oralidade e inserir o processo de pontuação para simular a entoação. Por último, os alunos devem fazer uma análise do exercício, através de uma comparação entre a transcrição do **texto oral** do aluno com o texto que foi escrito pelos alunos.

Para que você possa ter uma ideia do processo, Marcuschi em seu estudo utiliza de uma espécie de tabela, para a melhor visualização do processo de retextualização.

#### **PASSO 4: APRESENTA A TABELA COMPARATIVA DO TEXTO-BASE E TEXTO FINAL RETEXTUALIZADO**

Após a aplicação das operações necessárias ao texto oral em questão, temos o texto escrito final, exposto na tabela a seguir.

RETEXTUALIZAÇÃO (TEXTO FINAL) <sup>3</sup>	TEXTO ORAL
<p>Hoje, diferentemente daquilo que havíamos feito, faremos uma análise um pouco mais detalhada.</p>	<p>bem gente HOJE ...diferente da aula... diferentemente daquilo que a gente havia feito da outra vez...nós vamos fazer uma análise...um pouquinho mais detalhada..</p>
<p>É um texto mais complexo, de análise em nível dois. Acredito que esse texto pode ser adequado a um bom segundo grau, a oitava séries mais avançadas, podendo, se houver disponibilidade, trabalhar com alunos de faculdade.</p>	<p>é um texto ma::is complexo... e: é o que eu chamaria de uma análise de texto em nível Dois... a adequação desse texto...eu creio que vocês queriam/ que vocês poderiam adequar...que seja pra um colegial bom...pra um segundo grau bom...ou então pra uma oitava série...já mais avançadas também ... até pra faculdade... se você tiver disponibilidade de trabalhar com aluno de faculdade...vocês poderiam trabalhar..</p>

### Sequência didática 3: a linguagem jornalística

Nesta sequência serão abordados três descritores de Uso da língua para a análise dos aspectos linguísticos relacionados ao gênero reportagem.

#### Eixo Uso da língua:

- Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.
- Identificar e analisar a função modalizadora dos verbos.
- Reconhecer as formas de reportar uma fala pelo uso dos discursos direto, indireto e indireto livre.

<sup>3</sup> Optamos por inserir somente parte/fragmento da retextualização e parte do texto oral como ilustração.

## **PASSO 1: APRESENTAR A CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM JORNALÍSTICA E A FUNÇÃO REFERENCIAL DA LINGUAGEM.**

Para uma maior aprendizagem dos fatores de legibilidade do gênero textual reportagem, é necessário que se desenvolva nos alunos a capacidade de reconhecimento tanto do modo de organização do discurso<sup>4</sup> quanto das funções da linguagem. Isto porque os textos obedecem, quanto à finalidade, a alguns padrões e uma vez escolhido o gênero textual, o autor do texto deve tomar decisões quanto ao planejamento do texto.

A **reportagem**, por exemplo, é uma das formas do discurso jornalístico cuja essência é a informação, pois objetiva oferecer conhecimento de aspectos ignorados acerca da realidade. Por isso, geralmente, centra sua mensagem sobre um referente, chamado na teoria da comunicação de **função informativa** ou **referencial da linguagem**.

Assim, para o estudo da **reportagem**, é necessário conhecer as características da função referencial da linguagem, assim como ter conhecimento a respeito do modo de organização da linguagem aceita em situações de *enunciado informativo*. O modo **expositivo** vem atender, de certa forma, a demandas específicas, ligadas à informação e ao **gênero reportagem**, já que esse modo de organização tem a finalidade de apresentar informações sobre assuntos, utilizando-se para isso de um discurso marcado predominantemente pela objetividade, neutralidade e imparcialidade.

É necessário, então, demarcar estruturalmente e linguisticamente como o modo de organização da linguagem se caracteriza no interior de determinados gêneros.

Para o **modo expositivo**, o que mais aparece na **reportagem**, o aluno deve observar estas características, que também aparecem como elementares à função referencial da linguagem.

---

<sup>4</sup> Também chamado, por outros autores, de sequências ou tipos textuais.

## **PASSO 2: ANALISAR A LINGUAGEM JORNALÍSTICA E A FUNÇÃO REFERENCIAL**

Para que o aluno possa compreender essas marcas presentes na linguagem utilizada pelo repórter, o professor pode selecionar um fragmento de uma reportagem para mostrar a construção linguística ancorada na função referencial, conforme a seguir:

Como vimos no fragmento acima, as características do discurso expositivo e da função referencial da linguagem são: clareza, objetividade, impessoalidade, registro formal... etc. Cada característica citada é condição prévia para que o aluno possa reunir, entender e identificar a sequência expositiva e a adequação linguística do repórter. **Assim, na reportagem a linguagem:**

- É expositiva porque a clareza está presente na transmissão do fato/mensagem e é compreendida facilmente pelo interlocutor.
- É objetiva porque vai direto ao ponto do problema: **“esconde a falta de uma política pública”** sem rodeios ou floreios;
- É impessoal porque os verbos apresentam-se na 3ª pessoa do singular: **usada, esconde** (em relação à *área*), ou seja, a participação do autor é isenta ao transmitir os fatos não fazendo nenhum julgamento, colocando-se apenas na perspectiva do conhecer, expor os fatos.
- O registro é formal porque, além de respeitar a norma culta (concordância, regência, pontuação etc.), procura gerar um contexto claro, preciso que facilite a compreensão da informação.
- O uso do vocabulário: apresenta-se com uso de termos técnicos da área da ecologia (**resíduos e rejeitos**), pois ajudam a transmitir a informação e as explicações com maior precisão.
- Utiliza o modo indicativo porque expressa um fato, uma certeza: **“esconde a falta de uma política pública vigente...”**, além de ser o modo usual em reportagens porque aproxima o leitor dos fatos.

### **PASSO 3: IDENTIFICAR AS MARCAS DE OPINIÃO**

Ancorada em dados reais, a reportagem precisa transmitir informações com credibilidade. Isso, porém, não significa que não haja espaço para a expressão da opinião do autor. A própria seleção dos fatos e a ênfase com que certos detalhes são abordados ou ainda a sequência em que são citados respondem pelo julgamento pessoal do repórter, compondo o viés do texto, isto é, expressão de opinião.

Como exemplar dos textos referenciais, na reportagem a um predomínio do uso da **terceira pessoa**. Esse traço, no entanto, revela-se como estratégia de apagamento da opinião do autor que, então se protege por trás das vozes presentes no texto. Tais vozes contribuem para fazer da reportagem um texto essencialmente híbrido e que, portanto, comporta elementos de outros gêneros como a própria notícia – pela presença da lide, por exemplo – ou o gênero opinião – por meio da argumentação.

De acordo com Nilson Lage, a reportagem se aproxima do artigo de opinião ao exibir traços de autoria do texto. É importante, contudo, que o autor não se posicione contrário aos fatos, já que a avaliação final deve caber ao leitor. Dessa forma, as marcas que indicam posicionamento devem se prestar ao estímulo de reflexão.

Com efeito, o texto gerador 3, *Jovens, covardes e homofóbicos*, do Roteiro de Atividades, apresenta traços que revelam a autoria do texto, mas que corroboram a opinião pública ao tratar o fato como um episódio de agressão brutal e sem motivos, o que chama a atenção para a vítima.

Um dos recursos para a expressão de outras vozes no texto é a polifonia, através da qual o autor abre espaço para a fala de especialistas ou depoimentos de testemunhas, por exemplo. Assim, por meio do discurso direto, com emprego de aspas ou travessões, o repórter apresenta citações que considera relevantes para corroborar o conteúdo de sua matéria. A polifonia, portanto, serve como argumento de autoridade ao reiterar a tese ou ponto de vista do autor.

Os argumentos utilizados na reportagem também podem ser endossados através do recurso do dialogismo constitutivo, quando há incorporação do discurso de outro. Nesse caso, são empregados termos e expressões típicas do campo do tema da reportagem.

Assim, o texto pode se aproximar da linguagem dos adolescentes – com o uso de gírias, por exemplo – se a reportagem tiver como tema algo relativo a esse público. Por outro lado, o autor pode se apropriar de termos da área da informática, se estiver abordando as redes sociais, como no texto gerador I do RA deste ciclo, *O que a internet esconde de você*.

Além disso, a opinião do repórter também pode ser percebida pela escolha intencional de determinadas palavras e expressões são pistas do modo como o autor do texto pretende expor seu ponto de vista e/ou conduzir sua intenção em relação à informação dada em determinados trechos do texto. Então, a importância de alguns advérbios e/ou sintagmas adverbiais está diretamente relacionada à intenção dos efeitos discursivos que o repórter quer produzir em seu texto. Por meio dessas expressões **modalizadoras**, o enunciador retrata o grau de seu comprometimento, define o ponto de vista, exprime o efeito psicológico que o conteúdo da oração expressa.

Você pode sugerir que seus alunos procurem essas expressões no texto, para que eles possam perceber de que modo essas formas linguísticas sugerem o ponto de vista do autor a respeito do fato abordado. Exemplo:

Frag. 1 - “Quem são os acusados de espancar quatro rapazes na capital paulista só porque achavam que eles fossem gays.”

Frag. 2 - “Depois das agressões, ele continua frequentando as aulas normalmente.”

Frag. 3 - “Jonathan mora com o pai e um irmão num confortável apartamento numa área nobre de São Paulo.”



## PASSO 4 – APRESENTAR OS TIPOS DE DISCURSO

### A) DISCURSO DIRETO

Após a apreensão do que seja **discurso**, o momento é de (re) conhecimento dos tipos de discurso. Para isso, o professor seleciona várias frases contendo os principais recursos gráficos utilizados na transcrição do **discurso direto**.

Veja no quadro as normas de como o **discurso direto** pode ser transcrito:

DISCURSO DIRETO	
a) Após dois-pontos, <u>sem</u> verbo <i>dicendi</i> (utilizado para introduzir discursos).	E, para o promotor, o processo não vem correndo como deveria: “Às vezes sinto morosidade por parte do juiz”.
b) Após dois-pontos, <u>com</u> verbo <i>dicendi</i> (evitável).	E o promotor disse: “Às vezes sinto morosidade por parte do juiz”.
c) Após dois-pontos, com travessão:	E Carlos, indignado, gritou: - Onde estão todos???
d) Após ponto, sem verbo <i>dicendi</i>	E, para o promotor, o processo não vem correndo como deveria. “Às vezes sinto morosidade por parte do juiz.”
e) Após ponto, com verbo <i>dicendi</i> após a citação.	E, para o promotor, o processo não vem correndo como deveria. “Às vezes sinto morosidade por parte do juiz”, declarou.
f) Integrado com a narração, sem sinal de pontuação.	E, para o promotor, o processo não vem correndo como deveria, porque “Às vezes se nota morosidade por parte do juiz”.

Ao final, o aluno deverá notar que travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas.

**Discurso direto:** é o tipo de discurso direto que permite melhor caracterização das personagens, com reproduzir-lhes de maneira mais viva, os matizes da língua afetiva, as peculiaridades de expressão (gíria, modismos fraseológicos, etc.)<sup>5</sup>.

Através do discurso direto, reproduzem-se literalmente as palavras do personagem/locutor. Esse tipo de citação serve como comprovação figurativa (concreta) daquilo que acabou de ser exposto (ou que ainda vai ser) pelo narrador e/ou locutor. É como se o personagem (literatura), ou a testemunha e o especialista (reportagens) surgissem, por meio de suas palavras (narrador/locutor), aos olhos do leitor, comprovando os dados relatados imparcialmente pelo narrador/locutor). O recurso gráfico utilizado para atribuir a autoria da fala a outrem, que não o produtor do texto, são as aspas ou o travessão.

## B) DISCURSO INDIRETO

A mesma estratégia pode ser utilizada para o **discurso indireto**. O professor seleciona alguns trechos e em seguida mostra como se dá a transposição do discurso direto para o indireto.

Confira a tabela de transposição do discurso direto para o indireto:

DISCURSO INDIRETO	
Fala do personagem:	Eu não quero mais trabalhar.
Discurso indireto:	<b>Pedro disse que não queria mais trabalhar.</b>
Fala do acusado:	Eu não roubei nada deste lugar.
Discurso indireto:	<b>O acusado declarou à imprensa que não tinha roubado nada daquele lugar.</b>

**Obs.:** Nota-se que, na transcrição indireta do discurso, há modificações em algumas estruturas gramaticais, como no tempo verbal (quero, queria; roubei, tinha roubado) e nos pronomes (deste, daquele), etc.

<sup>5</sup> GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1977, p. 120.

**Discurso indireto:** o narrador incorpora na sua linguagem a fala das personagens, transmitindo-nos apenas a essência do pensamento a elas atribuído<sup>6</sup>. Ou seja, através do discurso indireto, a fala do personagem é filtrada pela do narrador. Não mais há a transcrição literal do que o personagem/locutor falou, mas a transcrição subordinada à fala de quem escreve o texto. No discurso indireto, utiliza-se, após o verbo *dicendi*, a oração subordinada (uma oração que depende da sua oração) introduzida, geralmente, pelas conjunções que e se, que podem estar elípticas (escondidas).

### C) DISCURSO INDIRETO LIVRE

O último discurso a ser trabalhado exige muita atenção do aluno, porque a fala do personagem não é destacada pelas aspas, nem introduzida por verbo *dicendi* ou travessão.

É importante sinalizar para o aluno que o próprio narrador, que está conduzindo a história, dá uma pista, através do contexto, dessa fala sutil do personagem, ou seja, a própria sequência de ideias encaminhadas pelo narrador. Além disso, esse tipo de discurso é mais frequente com o foco narrativo na 3ª pessoa, conforme o exemplo a seguir:

#### DISCURSO INDIRETO LIVRE:

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedra. Sinha Vitória punha sal na comida. Abriu os alforjes novamente: **a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem.** Sinha Vitória provava o caldo na quenga de coco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente.

Nesse trecho, o fluxo da consciência do personagem Fabiano, divagante, salta de uma imagem a outra, de uma lembrança a outra. Logo em seguida é quebrado subitamente pela expressão sensível de seu próprio pensamento, de sua constatação aliviada: “a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem”. Trata-se de um discurso em que predomina a interiorização da linguagem.

#### PISTA DO CONTEXTO PARA RECONHECER O DISCURSO INDIRETO LIVRE

“Sinha Vitória punha **sal** na comida (...) ⇒ **NARRADOR** (...) a trouxa de **sal** não se tinha perdido ⇒ **FALA INDIRETA DO PERSONAGEM**”.

<sup>6</sup> Idem. Ibidem.

**Discurso indireto livre**<sup>7</sup>: é um tipo de discurso misto em que se associam as características do discurso direto e do discurso indireto. O que ocorre, nesse caso, é que a fala interior da personagem (as emoções, as ideias, os sentimentos, as reflexões) insere-se em meio à fala do narrador de forma sutil, causando certa confusão em relação a quem está se pronunciando (ele ou a personagem). Portanto, na maioria dos casos, desaparecem os verbos de elocução, travessão, dois pontos, enfim, os sinais de pontuação.

### C) DISCURSO DIRETO, INDIRETO e INDIRETO LIVRE

É importante ressaltar que em determinadas situações, os discursos podem se mesclar, principalmente dentro de um contexto literário. No trecho abaixo, extraído do capítulo “Fuga”, de *Vidas secas*, Graciliano Ramos emprega os três tipos de discurso, mesclando-os com extrema habilidade estilística.

#### MESCLA DOS 3 DISCURSOS: DIRETO, INDIRETO E INDIRETO LIVRE

Em que estariam pensando?, **zumbiu** sinhá Vitória. **Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção.** Menino é bicho miúdo, não **pensa.** **Mas sinhá Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se.** **Ela devia ter razão. Tinha sempre razão.** Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.  
– Vaquejar, opinou Fabiano.

Começa com a **pergunta de sinhá Vitória, em discurso direto**, introduzido por um verbo carregado de expressividade (“**zumbiu**”, lembrando uma vespa no ouvido do marido);

Passa para o **discurso indireto** nos dois períodos seguintes (“Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção.”);

Insere sutilmente o **indireto livre**, com a objeção rosnada de Fabiano (“**Menino é bicho miúdo, não pensa.**”);

Em seguida, retoma o **indireto**, para referir-se à indagação de sinhá Vitória e à reação do marido (“**Mas sinhá Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se.**”);

E volta ao **indireto livre**, com Fabiano novamente, dessa vez ruminando sobre a capacidade de raciocínio da mulher (“**Ela devia ter razão. Tinha sempre razão.**”).

O **discurso indireto** reproduz a indagação de sinhá Vitória a respeito do futuro dos meninos (“Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.”).

A resposta de Fabiano **se faz em discurso direto** e introduzido por um verbo de opinião (“– **Vaquejar, opinou Fabiano.**”).

<sup>7</sup> Idem. p. 136.

## PASSO 5 – RECONHECER O TEMPO VERBAL NOS DISCURSOS

O **tempo verbal** também é fator **determinante dos discursos**. O **discurso indireto** estará sempre no passado em relação ao **discurso direto**. Tal importância se dá principalmente em que se solicitar a transformação de discurso direto em discurso indireto (e vice-versa).

<b>Discurso direto - tempos verbais</b>			
<b>Presente do indicativo:</b>	<b>Pret. perf. indicativo:</b>	<b>Futuro do indicativo:</b>	<b>Imperativo:</b>
“Não <b>quero</b> isso” – <b>diz</b> o menino em tom zangado.	“Não <b>gostei</b> disso” – <b>disse</b> o menino em tom triste.	“Não <b>levarei</b> isso” – <b>disse</b> a menina em tom decepcionado.	– <b>Vista</b> o casaco, minha filha.

<b>Discurso Indireto – tempos verbais</b>			
<b>Pretérito imperfeito do indicativo:</b>	<b>Pretérito-mais-que-perfeito do indicativo:</b>	<b>Futuro do pretérito :</b>	<b>Pretérito imperfeito do subjuntivo:</b>
A menina afirmou que <b>estava</b> zangada.	A menina afirmou que <b>estivera</b> zangada (composto – A menina afirmou que tinha estado zangada)	A menina disse que <b>estaria</b> zangada..	A mãe recomendou-lhe <b>que vestisse</b> o agasalho.

### Leitura

A **reportagem** é um gênero discursivo que se configura como um instrumento social e de linguagem. Sendo um domínio discursivo muito presente no cotidiano das pessoas, as atividades pedagógicas desenvolvidas em torno desse gênero permitem aos alunos não só tomar consciência da realidade em que estão inseridos, tornando-se cidadãos mais críticos, mas também promover o aprimoramento das competências linguísticas e textuais.

Em relação à avaliação de assimilação do gênero reportagem, o aluno deve saber reconhecer, durante a leitura, as principais características que estruturam o gênero. Para isso a sugestão é trabalhar atividades de análise contrastiva solicitando ao aluno que aponte as diferenças marcantes entre a notícia e a reportagem, por exemplo, de forma a responder sobre estrutura e linguagem, além do tema, dos objetivos e dos fatos apresentados pelo repórter. Outros gêneros jornalísticos e não jornalísticos também podem ser utilizados por meio de comparação para se observar as diferenças de estrutura e linguagem de modo a se entender o que é uma reportagem, por exemplo, a entrevista, o texto informativo.

### **Uso da língua**

Já em relação aos recursos linguísticos em uso, algumas especificidades da linguagem das reportagens merecem especial atenção por sua peculiaridade. Nesse sentido, o trabalho com a linguagem da reportagem pode fornecer inúmeras possibilidades de atividades: discernir sobre diferentes interpretações de um mesmo assunto; estudar os recursos expressivos e as modalidades de textos próprios da linguagem jornalística; observar as formas de inserir o discurso do outro; perceber a inserção ou o apagamento da opinião do próprio repórter no texto.

Assim, dentre tais possibilidades, o aluno deve, durante a leitura, saber identificar e extrair do texto o discurso relatado e o discurso citado, percebendo como os verbos *dicendi* contribuem para marcar tal discurso. Além disso, as diferentes vozes (polifonia) que por ventura podem aparecer e que são demarcadas através de aspas e do discurso direto devem ser objetos de identificação. Assim como as marcas linguísticas de subjetividade (opinião), demarcadas no uso de modalizadores (advérbios) e de modificadores (adjetivos) do discurso. A percepção dessa marca de subjetividade pode contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico do aluno, pois permite desvelar as intenções e ideologias subjacentes aos textos por parte do autor, do jornal e/ou das revistas, colaborando para uma leitura menos ingênua dos discursos veiculados pelos meios de comunicação.

## **Produção Textual**

É essencial o aluno ter contato com uma coletânea de textos que explorem uma gama diversificada de temas jornalísticos de áreas diferentes para que o ajude a ter as melhores condições para produzir o seu texto, não somente em termos de tema, mas também em termos de estrutura. Além desses textos jornalísticos para a produção de uma reportagem, o professor pode sugerir também a leitura de outros gêneros textuais e a partir daí o aluno explorar a temática e ampliar para o gênero reportagem. Por exemplo, as crônicas futebolísticas atuais ou de autores consagrados como Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade.

Para avaliar a produção da reportagem do aluno, o professor deverá observar linguisticamente se o aluno manteve o núcleo semântico do texto em sua organização. Deve observar também se o texto do aluno apresenta marcas de opinião em algumas passagens ou se foi totalmente impessoal. A escolha lexical que representa o tema da proposta deve ser coerente e também observada.

Além de verificar se o aluno em sua produção textual soube entender a estrutura e o modo de organização do gênero reportagem, o professor pode estimulá-lo a ver a criação de um texto como um reflexo das mesmas habilidades das quais ele se utiliza para fazer a leitura. Sendo assim, o aluno deve estar ciente de que há um contexto de produção, um interlocutor, um agente de produção, recursos linguísticos e gênero textual envolvidos no processo leitura-escrita, além de um suporte próprio para cada gênero. No caso dos textos jornalísticos, o suporte revista, jornal, internet.

Para essa observação do suporte, seria importante avaliar a criatividade do aluno na disposição do texto, do infográfico, da fonte utilizada na manchete, do uso de negrito, itálico etc., recursos esses que também interferem na intenção e interpretação dos fatos apresentados.

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e suas avaliações, é apresentada, a seguir, uma lista comentada com algumas das mais significativas e acessíveis fontes que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

### **Livros teóricos:**

1. Reconhecer as funções *referencial*, *metalinguística* e *fática* da linguagem.

CHALHUB, Samira. **Funções da Linguagem**. São Paulo: Ática, 1997. 63p.

Neste pequeno livro da *Série Princípios*, a autora dedica-se em cada capítulo a uma função da linguagem: referencial, emotiva, poética, conativa, fática e metalinguística, mostrando que todo texto apresenta várias possibilidades de leitura. As funções têm como objetivo levar o leitor a compreender determinado efeito para determinado objetivo.

2. Reconhecer características estruturais de uma reportagem: manchete, *lead* e corpo do texto.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade*. São Paulo: Ed. Ática, 2009.

Neste livro, a autora trabalha, no capítulo 5, os gêneros textuais **Notícia** e **Reportagem**. Com uma linguagem acessível explica através de exemplos práticos a definição de cada gênero. Traz também bastantes exercícios sobre os aspectos estruturais e linguísticos dos gêneros, além de indicar como produzir uma reportagem. (pp. 59-73).

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

No segundo capítulo, o autor expõe as técnicas estruturais fundamentais para a composição da **notícia** impressa jornalística. Já no quarto capítulo, apresenta um pequeno glossário de termos técnicos utilizados por jornalistas e profissionais dos meios de comunicação.



3. Reconhecer a distinção entre escrita e oralidade.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto, 2007, p. 78.

Este livro é dividido em duas partes, sendo a primeira destinada às questões gerais de produção de sentido tanto em **textos orais** quanto **escritos**, enquanto a segunda destina-se unicamente ao **texto falado**.

4. Diferenciar retextualização e transcrição.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Da Fala Para a Escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

De forma didática, Marcushi desvenda a complexidade que gira em torno da relação entre a língua falada e a língua escrita, além de tentar definir o conceito, apresenta proposta de atividades de transformação que conduz a realização de uma retextualização.

Livros didáticos:

1. Reconhecer características estruturais de uma reportagem: manchete, *lead* e corpo do texto.

ABAURRE, Maria Luiza M. *Português – contexto, interlocução e sentido*. Volume 1. São Paulo: Moderna, 2008.

Na unidade 9, do capítulo 27, as autoras introduzem o assunto *Reportagem* explicando sua definição e usos. Numa proposta discursiva explica o contexto de circulação, os interlocutores, e a estrutura da reportagem. Dedicar uma seção à iconografia, importante na composição das reportagens, e outra exclusiva para a linguagem. Nesta seção Linguagem, é uma das poucas coleções que trabalham o conceito e a presença de diferentes vozes no

discurso (polifonia). Além disso, trabalha também o modo de organização do texto reportagem: o modo expositivo e suas estratégias. Há também no capítulo orientações para a produção de uma reportagem. Na última seção intitulada de Conexões, o professor encontra diversas referências para o trabalho com o gênero: filmes, livros, sites. (pp. 442-453).

BARRETO, Ricardo Gonçalves. *Ser Protagonista. Português Ensino Médio. 1º ano*. São Paulo: Edições SM, 2010.

Na unidade 10, do capítulo 27, o autor trabalha o gênero *Reportagem* simulando a sua publicação em um jornal. Barreto não se limita a explicar o que é o gênero e sua estrutura, trazendo todas as etapas da feitura de uma reportagem tal qual em uma revista ou jornal e ensinando, inclusive, o jargão próprio do gênero. A seção dedicada à produção textual é detalhada, apresentando todas as fases implicadas: proposta, planejamento, elaboração, avaliação e reescrita (pp. 330-336).

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens: volume 2*. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

No capítulo 8, da unidade 3, intitulado A REPORTAGEM, os autores introduzem o assunto através de diversos exercícios, explicando, sempre, a estrutura e as características próprias da reportagem. Na seção “Escrevendo com adequação”, há um importante tópico da reportagem: o uso de títulos, subtítulos e legendas. (pp.313-320).

SARMENTO, Leila Lauer. TUFANO, Douglas. *Português: literatura, gramática, produção de texto. Volume 2*. São Paulo: Moderna, 2010.

No capítulo 19, os autores de maneira sintética exploram o gênero através das seções: “no texto” e “lendo o contexto”. A seção Produção de Textos aborda os elementos pertinentes ao gênero orientando através de um roteiro como proceder a uma boa produção de reportagem. (pp. 460-464).